

## LANÇAMENTO DO LIVRO CRUZES DE GUERRA DE HENRIQUE PEDRO

09 de Outubro de 2011

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Começamos por apresentar o autor: - Engenheiro, matemático, militar, combatente, cidadão de Abril, poeta e escritor. Personalidade multifacetada que temos hoje connosco, nascida na Terra Quente Transmontana, lapidada por uma experiência global da vida, que volta às terras de origem e aí transmite em poesia e prosa a sua experiência de vida. Estuda em Chaves, passa à Academia Militar e à Faculdade de Ciências de Lisboa, para ser bacharel em Matemática e licenciado em Engenharia Geográfica. Mas será a sua condição de militar e a comissão em Moçambique, em 1973, que o inspira para o livro que nos trás aqui hoje. Num dia em que evocamos o fim de duas guerras em que os militares portugueses foram envolvidos e consequentemente o esforço da nação portuguesa e das suas Forças Armadas, lançamos um livro intitulado "Cruzes de Guerra". Nada mais oportuno, sobretudo quando o próprio autor, Eng.º Henrique Pedro, na primeira página do livro escreve "Aos que lá ficaram". São de facto esses os que merecem os primeiros pensamentos e homenagens dos que com eles lutaram lado a lado. Depois pensou nos vivos e de entre eles entendeu distinguir aqueles que mais se distinguiram logo no título do seu livro: - "Cruzes de Guerra". Para quem como nós Liga dos Combatentes usa na lapela do casaco, a cruz de guerra e a cruz de Cristo, símbolos da coragem, da abnegação e do sacrifício, é um sentimento que nos reconforta. Deparamos depois com uma advertência do autor. "Este livro é uma ficção! Tudo é verdade neste livro", mas alerta que o leitor melhor saberá separar o sonho da realidade e procurar a verdade. Decide então optar por escrever um romance do fim do império com base em factos da guerra reais, com análises concretas de informações estratégicas, a que alguns dão relevo e outros menosprezam, adoçados, por um lado, pelo amor sempre presente no ser humano, por outro lado, pela procura da verdade religiosa por parte desse mesmo ser humano, qualquer que seja a cor da pele ou o lugar onde se encontre. Permitam-me que recorra ao próprio prefácio que o autor me solicitou para mais claramente vos transmitir o que tocou nesta obra.

Dizia eu:

### EXÓRDIO

Cruzes de Guerra não é o romance de uma vida. Nem tão pouco de algumas vidas. Nele "tudo é ficção". Nele "tudo é verdade". Cruzes de Guerra é um retrato de milhares e milhares de vidas. Milhares e milhares de vidas portuguesas que, nascidas neste canto da Terra, encontraram no Mundo e nas suas gentes o seu espaço e ambiente naturais, sem esquecerem as suas origens. Quer no império que, "cumprido ano após ano, século após século" terminou ontem "encaixotado", quer no império que hoje acreditam poder vir ajudar a construir, de outras formas, nos

espaços onde seus avós deixaram a alma da língua portuguesa. Enquanto Presidente de uma Instituição patriótica e humanitária, como a Liga dos Combatentes, cujo símbolo é a Cruz de Cristo sobre a qual se implanta a Cruz de Guerra, símbolo que orgulhosamente ambos colocamos na lapela de nossos casacos e também como militar, é com satisfação e sentido de responsabilidade que esboço este prefácio. Cruzes de Guerra é um "império de ideias e de afetos" aspirando pelo "império do humanismo e da verdade". É uma obra que trata e retrata o amor e a guerra. O amor como "energia de retorno ao Absoluto". A mística do amor profundo, como vale a pena ser vivido. A guerra, como algo em que os eventos dramáticos se sucedem a um ritmo imparável e nos transporta de tranquilos Trás-os-Montes a lugares onde "a História parece um logro, uma vacuidade criminosa" e em que as emboscadas e as minas impedem que "um Exército se possa movimentar livremente", pondo à prova a rusticidade e a generosidade dos soldados de Portugal. A figura dominante é um alferes, depois capitão do exército português agraciado com a cruz de guerra. Um capitão apaixonado, mas que não deixa de cumprir o seu dever. Que se surpreende quando jovem militar o seu comandante coronel lhe determina "- Vá andando, alferes que o seu papel é encerrar a História da Pátria com dignidade. Eu, por mim já fechei a porta da Índia, em Goa, há sete anos atrás. Já cumpri o meu dever".

Mais tarde também ele viria a sentir que havia cumprido o seu dever e deixava o Exército, juntando-se nos EUA aos pais do amor que tinha perdido. Henrique Pedro, recria na sua ficção, na sua verdade, personagens e heróis. Heróis que vivem e caem ao serviço do seu país e a quem na guerra coloca como "tábua de salvação" um Cristo branco de marfim como é o caso do capitão Daniel, ou um Cristo de ébano negro imaculado, como o do maconde Pedro Macumbi, ou ainda do Cristo de Dinis de Silves, de pau-rosa. Símbolos de um "desejo-esperança-crença de que algum dia alcançaremos a felicidade plena", talvez quando os "três Cristos se reunirem, transformando-se num Cristo sem cor". " O místico é capaz de aguardar uma vida inteira por aquilo que espera" mas o Homem quer respostas imediatas. Esse por vezes o seu verdadeiro drama. Isto para dizer que na obra de Henrique Pedro, para além das vivências terrestres e humanas, superiormente, suavemente e delicadamente apresentadas, onde se destaca a delicada figura feminina de Evelyn, tão mística como erótica, está sempre presente o espiritual e o religioso numa tripla dimensão, tão bem conhecida das gentes do mundo que foi português. A filosofia, a teologia, o transcendente, a fé, acompanham em Cruzes de Guerra uma verdadeira história de amor que se desenvolve em três continentes, dando às personagens a dimensão do cosmopolitismo do homem português.

A inteligência e as relações transatlânticas, sempre presentes, ajudam a clarificar um cenário evidente para muitos, mas não convincente para Portugal de então. É por outro lado um romance dos nossos dias, onde as gerações pós guerra civil de Espanha e segunda guerra mundial e pós vinte cinco de Abril se situam no espaço e no tempo e se reveem em episódios e transcrições de fenómenos e factos reais das suas próprias vivências africanas. Também eu fui capitão, Também eu fiz duas comissões em Angola. Também vi cair camaradas a meu lado. Também me disseram

que praticara atos extraordinários, relevantes e distintos em campanha. Também amei profundamente uma mulher que me acompanhou a vida inteira. Também eu a perdi. Também eu tenho a esperança de voltar a reencontrá-la... Também eu me junto àqueles que "agitados pelos medos e fantasmas em jeito de angústias e revoltas refletimos à beira do mar, ou olhamos o por do Sol, ou nos abrigamos sob um pinheiro frondoso, sentindo ser o Cosmos que nos responde através do bramido das vagas, dos sinais luminosos do Sol ou da sinfonia que a brisa concerta nos ramos e folhagens da copa" na esperança de chegarmos ao diálogo com Alguém que nos resolva medos e fantasmas ou nos traga alguém de volta. Em Cruzes de Guerra "tudo é ficção", tudo "é verdade". Tudo é esperança. A tranquilidade que se respira na leitura de Cruzes de Guerra, aqui e ali interrompida, por momentos, pela natureza dos factos narrados, mas logo suavizados por uma escrita deliciosa e promotora de valores, valores superiores, fazem deste livro um romance que evidenciando uma época da história do país, será um livro de sempre. Livro que nos põe e deixa a pensar. Que confirma que "todo o pensamento é um diálogo entre nós... e nós". É por isso natural e lógico interrogar-nos, que teria acontecido a Portugal, no âmbito político, estratégico e prático, se Salazar não tivesse sido um idealista teimoso? Se Marcelo Caetano tivesse sido um governante corajoso? Se Mário Soares não tivesse sido um descolonizador tempestuoso? Talvez a resposta a encontremos hoje em soluções adotadas pelo Reino Unido ou pela França. Os "ventos da História" teriam certamente conduzidos os países irmãos à sua independência, provavelmente com menos sacrifícios, guerras civis e golpes de estado, não necessitando hoje Portugal de incentivar ou assistir à fuga de portugueses para espaços de onde, naturalmente, nunca teria sido necessário, terem saído os seus avós. Não resisto a terminar este meu prefácio com que procuro responder à solicitação que me foi feita por Pedro Henriques e que muito me honra, de uma forma poética, já que o seu livro, Cruzes de Guerra, é um verdadeiro poema:

## HERÓIS

Não, Não navegam no sofrimento  
Os que então cumpriram seu dever  
De cabeça erguida, sem lamento  
São da Pátria Heróis sem o saber.  
Vivem!  
Vivem mesmo os que morreram  
Todos!  
Todos os que juntos sofreram  
Vivem!  
Vivem anónimos e altivos  
Entre aqueles que os esqueceram!  
Hoje, Grandes Homens ou mendigos  
São no Portugal atlântico e europeu  
Heróis Pátria mesmo desconhecidos  
Heróis com nome que guerra não levou!